

Discursos Jornalísticos Acerca do *Território do Tabaco* no Sul do Brasil¹

<http://dx.doi.org/10.21527/2237-6453.2020.51.168-185>

Recebido em: 10/5/2018

Aceito em: 14/2/2019

Ângela Cristina Trevisan Felippi,² Vanessa Costa de Oliveira³

RESUMO

O *território do tabaco*, localizado no Sul do Brasil, caracteriza-se pela produção de fumo em pequenas propriedades familiares que vendem suas produções para grandes empresas beneficiadoras das folhas. O Brasil é o maior exportador de tabaco do mundo e o segundo maior produtor, e essa produção é um componente relevante na constituição do espaço a que chamamos *território do tabaco*. Diante disso, e da compreensão de que a mídia influencia a construção de sentidos sobre a realidade e, ao fim, sobre a construção simbólica do território, propõe-se, neste artigo, identificar os discursos jornalísticos acerca do *território do tabaco*. Os veículos de mídia selecionados constituem diferentes tipos de prática jornalística: a Agência Pública, com um jornalismo nacional que se apresenta como uma alternativa à mídia tradicional, e o Jornal Gazeta do Sul, regional, caracterizado aqui como comercial e hegemônico na região onde atua no Vale do Rio Pardo (RS), inserido no *território do tabaco*. O artigo tem por base a literatura sobre território, cultura e análise do discurso, e a metodologia aplicada foi a análise de discurso. A partir da identificação de formações discursivas, evidenciou-se que os veículos apresentam discursos antagônicos sobre o mesmo território, sobre a mesma produção de tabaco.

Palavras-chave: Território do tabaco. Discurso. Jornalismo. Agência pública. Gazeta do Sul.

JOURNALISTICS DISCOURSES ABOUT THE *TERRITORY OF TOBACCO* IN SOUTHERN BRAZIL

ABSTRACT

The *territory of tobacco*, located in southern Brazil, is characterized by the production of tobacco in small family properties, which sell their productions to large leaf processing companies. Brazil is the largest exporter of tobacco in the world and the second largest producer and this production is a relevant component in the constitution of the space they call the *territory of tobacco*. Given this, and the understanding that the media influences the construction of meanings about reality and, ultimately, the symbolic construction of territory, it is proposed in this article to identify the journalistic discourses about the *territory of tobacco*. The selected media vehicles constitute different types of journalistic practice: the Agência Pública, with a national journalism that presents itself as an alternative to traditional media, and the regional Gazeta do Sul newspaper, characterized here as commercial and hegemonic in the region where it operates, in Vale do Rio Pardo (RS), inserted in the territory of tobacco. The article is based on the literature on territory, culture and discourse analysis and the methodology applied was discourse analysis. From the identification of discursive formations, it was evidenced that the vehicles present antagonistic discourses about the same territory, about the same tobacco production.

Keywords: Tobacco territory. Discourse. Journalism. Agência pública. Gazeta do Sul.

¹ Partes deste texto foram publicadas como capítulo de livro em: OLIVEIRA, V. C. O discurso sobre o território do tabaco: os sentidos construídos a partir dos textos jornalísticos. In: KAPLÚN, G.; BELTRAMELLI, F. (org.). *Miradas jóvenes, pensamiento crítico: la investigación de la comunicación en América Latina*. Selección de textos de la V Escuela de Verano de Alaic. Montevideo: Alaic, 2019. p. 203-218.

² Doutora em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professora do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc). angelafe@unisc.br

³ Mestre e estudante de Doutorado em Desenvolvimento Regional pela Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc). nessa.costa.oliveira@gmail.com

A produção jornalística insere-se em um processo produtivo cultural, o que implica na interferência da cultura e das experiências sociais nas quais esse processo está inserido, assim como os jornalistas, as fontes e as próprias instituições de mídia. A cultura é entendida aqui, cabe destacar, a partir da proposição de Williams (1989), que a conceitua como o modo de vida dos indivíduos bem como os sentidos atribuídos a essa maneira de viver.

Martín-Barbero (2003) chama a atenção para a natureza comunicativa da cultura. Ao discutir a centralidade da cultura, Hall (1997) concentra-se em apresentar essa centralidade por meio da mídia e, assim, também expõe a centralidade do jornalismo e da difusão de informação possibilitada pelos meios de comunicação. “A expressão ‘centralidade da cultura’ indica aqui a forma como a cultura penetra em cada recanto da vida social contemporânea [...] A cultura está presente nas vozes e imagens incorpóreas que nos interpelam das telas [...]” (HALL, 1997, p. 5). Para o pesquisador, a mídia é a responsável por, dentro de um processo cultural, enredar as revoluções de cultura em âmbito global. Esse movimento impacta os modos de vida (as culturas) e, conseqüentemente, o sentido que essas pessoas dão à sua vida e ao mundo que as cerca. A mídia, portanto, e nela, principalmente, o jornalismo, influenciam na construção desse sentido.

Assim, a proposta deste artigo é identificar o discurso sobre o *território do tabaco* a partir de veículos de comunicação: a *Pública – Agência de Jornalismo Investigativo*⁴ e o *Jornal Gazeta do Sul*. O primeiro, um veículo digital, de abrangência nacional, com sede em São Paulo, e que se apresenta como agência de reportagens independente, situado no campo da imprensa alternativa; o segundo, um jornal impresso regional, também com versão digital, sediado em Santa Cruz do Sul, no Vale do Rio Pardo, que se caracteriza como de tipo comercial e hegemônico em tal região.⁵

Compreende-se por *território do tabaco* uma determinada porção territorial ao Sul do Brasil, abrangendo parte significativa dos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. A área correspondente a esse território é responsável pela quase totalidade da produção de tabaco no Brasil e, além de concentrar a produção do fumo em folha, é onde ocorre o seu beneficiamento, parte da industrialização da produção brasileira e onde ficam as sedes administrativas nacional das transnacionais que operam no setor. É importante lembrar que o Brasil é historicamente um dos grandes na produção e exportação do tabaco e na industrialização do cigarro.

Deste modo, a produção do tabaco é um componente importante na configuração desse território e das relações sociais, culturais, políticas e econômicas situadas espacialmente e que formam o território. A conformação de um território não se dá sem disputas, inclusive as simbólicas. A mídia tornou-se um lugar central pelo qual passam os discursos sociais existentes nos territórios e que o constituem. Diante da sua força na construção da realidade na contemporaneidade, é que esse artigo propõe identificar os discursos jornalísticos sobre o *território do tabaco*; até porque um território que “pode ser provisório e incompleto” se mostra como “a conjunção do espaço comum abstrato

⁴ apublica.org

⁵ Cabe destacar que a análise da reportagem da Agência Pública constitui parte da pesquisa de Mestrado de uma das autoras.

construído por grupos e de um espaço físico, quando este último contribui para a elaboração do recurso que fundamenta o ‘interno’ em relação ao ‘externo’” (PECQUEUR, 2009, p. 79).

Uma abordagem territorial, no caso, dos discursos da mídia, portanto, é um interessante caminho para a discussão sobre desenvolvimento territorial, uma vez que significa abordar “um processo de produção, distribuição, trocas e consumo,⁶ mas também um processo referido a condutas, hábitos e valores, individuais e coletivos – condicionados pelas relações de poder em que entram os indivíduos, grupos e as classes sociais, que se encontram num espaço geográfico concreto” (THEIS, 2008, p. 13). Um componente relevante nas análises territoriais, destarte, é o que dá conta das representações simbólicas sobre o território, caso do estudo que se mostra neste artigo.

Dito isso, no artigo é apresentado, inicialmente, o *território do tabaco*, com um destaque especial para a região do Vale do Rio Pardo,⁷ onde se concentram as sedes das empresas do tabaco, mais precisamente nos municípios de Venâncio Aires, Santa Cruz do Sul e Candelária (AFUBRA, 2017), que estão também entre os cinco municípios maiores produtores do país. Na sequência, apresenta-se a agência *Pública* e o jornal *Gazeta do Sul*, para, logo mais, analisar-se o discurso de ambos a partir de três textos selecionados: *Sob a fumaça, a dependência*,⁸ da Agência Pública, publicado no dia 26 de outubro de 2015; *A hora de o tabaco mostrar a sua força* e *Bem-vindo, ministro*, ambos do jornal *Gazeta do Sul*, publicados no dia 20 de julho de 2016.⁹

O TERRITÓRIO DO TABACO

O solo do Sul do Brasil recebe as primeiras plantações de tabaco no século 19, com a chegada de famílias de imigrantes italianos e alemães que colonizaram as regiões onde se instalaram, por meio da gradativa produção colonial de diversos cultivos, entre eles o fumo. A planta passou a ter destaque na economia mercantil dessas áreas e, nas décadas seguintes, de acordo com Silveira (2013), possibilitou o desenvolvimento de cooperativas e empresas locais de processamento de tabaco e fabricação de cigarro, principalmente nos municípios gaúchos de Santa Cruz do Sul e Venâncio Aires.

A produção de tabaco, que coloca o Brasil na atualidade em segundo lugar no ranking de produção mundial da planta, com produção de 700 mil toneladas na safra 2017/2018, atrás apenas da China (ANUÁRIO..., 2018), é realizada, desde os primeiros colonizadores que trouxeram a cultura até a contemporaneidade, majoritariamente em pequenas propriedades familiares sob o controle hegemônico do capital multinacional (HOFF, 2014). Atualmente cerca de 160 mil famílias agricultoras estão diretamente envolvidas na produção do fumo, cuja cadeia gera, ainda, 40 mil empregos na indústria (ANUÁRIO..., 2018), incluindo os sazonais.

⁶ No caso, aqui, da produção (material) das notícias.

⁷ Nesse artigo, o Vale do Rio Pardo é compreendido a partir da delimitação regional do Conselho Regional de Desenvolvimento Vale do Rio Pardo (Corede-VRP), sendo a região, no centro-oriental do Estado do Rio Grande do Sul – Brasil –, constituída por 23 municípios, com uma extensão de 13.171,7 quilômetros quadrados e uma população de cerca de 408,5 mil habitantes (SILVEIRA; PETRY, 2017).

⁸ Disponível em: <http://apublica.org/2015/10/sob-a-fumaca-a-dependencia/>

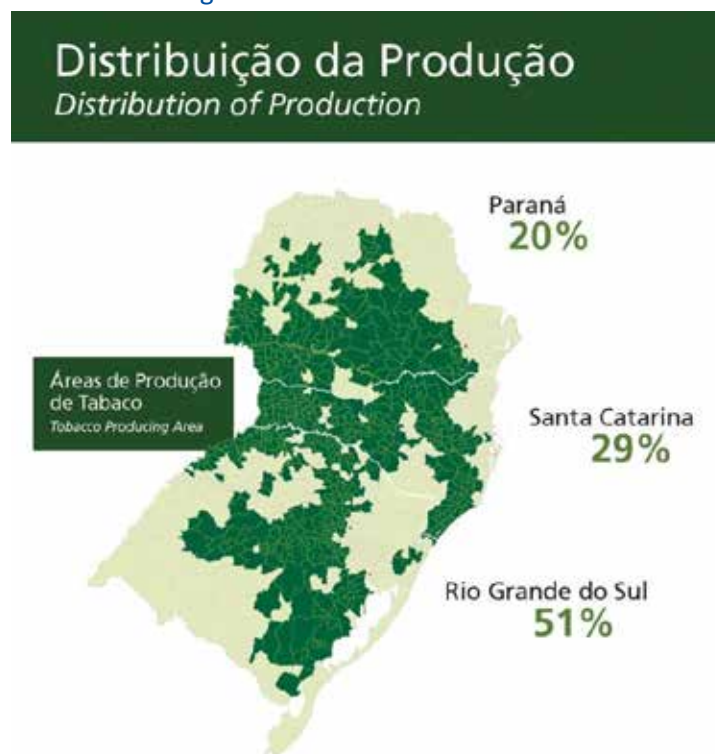
⁹ Em versão impressa.

Toma-se, portanto, o *território do tabaco* como compondo parte dos três Estados da Região Sul do país, englobando a área ocupada pela lavoura, de aproximadamente 314 mil hectares (ANUÁRIO..., 2018), mais o conjunto da área dos municípios onde se situa a produção, o beneficiamento e a industrialização do produto. O foco desta análise está na região do Vale do Rio Pardo, no Rio Grande do Sul, conforme justificado anteriormente, por abrigar a sede das transnacionais e ter municípios de grande produção do tabaco, além de ser o local onde circula o jornal selecionado para análise.

Se a produção de tabaco no Sul em pequenas propriedades familiares data de meados do século 19, é no final do século 20, por volta de 1970, que se intensifica na região do Vale do Rio Pardo o processo de agroindustrialização. Esse processo se deu, de acordo com Silveira (2013), por meio da ampliação do cultivo, da modernização do processamento e do aumento da exportação do fumo em folha. Dutra e Hilsinger (2013) destacam que foi nesse período que a fumicultura passou a ter o predomínio do capital internacional, com a venda para empresas norte-americanas, alemãs e francesas, que passam a se instalar na região, fortalecendo o processo de agroindustrialização do tabaco.

O *território do tabaco*, portanto, vem sendo construído desde o século 19 e a sociedade vai se organizando em torno dessa prática, que tem influência direta na territorialidade do lugar. “Nos últimos 15 anos, [...] a expansão da cultura do tabaco [...] revela permanências e mudanças no modo de produção de tabaco com importantes reflexos nas dinâmicas de organização espacial, de relações socioeconômicas, e de usos do território” (SILVEIRA, 2013, p. 10). Na safra 2017/2018 produziu-se 707.034 toneladas de tabaco em folha (ANUÁRIO..., 2018). A quase totalidade dessa produção é oriunda dos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Dado o destaque da produção no sul do país, se estabelece na região o que se chama, nesta pesquisa, de *território do tabaco*.

Figura 1 – Território do tabaco



Fonte: AFUBRA, 2015.

O *território do tabaco* e, nele, suas práticas culturais, práticas essas compreendidas pelo modo de vida das pessoas, permite refletir sobre como a sociedade se organiza em torno das ações nesse território, que carrega uma série de significados. Nesse sentido, Etges (2005) afirma,

Um território só existe a partir da materialidade que lhe é dada pelo seu uso. Mais do que simples base física, um território traz a marca de gerações que ali viveram e trabalharam; é resultado dos embates políticos, econômicos e sociais que se travaram entre seus habitantes [...], acima de tudo, é resultante do tipo de organização social ali criada (ETGES, 2005, p. 12).

Por território, portanto, compreende-se a apropriação de determinado espaço resultante das relações de poder e da ação social dos diferentes atores (FLORES, 2006). Trata-se de um espaço de construção social, relacionado aos limites geográficos, mas não só, “é o resultado de uma ação social que, de forma concreta e abstrata, se apropria de um espaço (tanto física, como simbolicamente)” (FLORES, 2006, p. 4). Nesse sentido, Etges (2001) complementa ao afirmar que o território é, também, um campo de contradições entre o Estado e o mercado e entre o uso econômico e o uso social dos recursos.

Já a territorialidade depende das normas e valores sociais e culturais vigentes no território (PECQUEUR, 2005). É formada pelas relações sociais, tanto existenciais quanto de produção (RAFFESTIN, 1993). A proposta aqui é dar luz à territorialidade do *território do tabaco*, posto que, como afirma Raffestin (1993), ela consiste naquilo que é vivido no território em todas as dimensões, o que leva às práticas desse território e, consequentemente, às suas relações culturais.

A territorialidade, como mostra o autor, se dá nas relações mantidas pelos indivíduos e sua maneira de pertencer àquela sociedade, por meio de mediadores ou instrumentos. Em outras palavras, territorialidade é

a multidimensionalidade do vivido territorial por meio de um conjunto de relações fomentadas pelo homem que pertence a uma sociedade, geradora de exclusividades, com relações exteriores promotoras de alteridades e mediadas através de instrumentos tais como língua, religião, cultura, trabalho, dentre outros (RAFFESTIN, 1993, p. 161).

Dutra e Hilsinger (2013) destacam que a expansão e a qualidade da produção de tabaco no sul do país são acompanhadas de uma crescente subordinação econômica e dependência tecnológica dos produtores em relação às empresas multinacionais que dominam o mercado do tabaco mundial e controlam, de forma hegemônica, todo o processo de agroindustrialização do produto. Isso se dá em razão da organização do mercado mundial de tabaco em folha, que é disposto sob o domínio hegemônico de um pequeno grupo de grandes multinacionais que controla não apenas o fornecimento do tabaco, mas também a sua comercialização para as indústrias de cigarro (DORNELLES; SILVEIRA, 2013).

Na articulação política e econômica no território surgem entidades como o Sindicato das Indústrias do Tabaco (Sinditabaco) e a Associação dos Fumicultores do Brasil (Afubra), ambos com sede em Santa Cruz do Sul. Nas disputas do território também

surgem outras entidades representativas que fazem um movimento na direção contrária, como o Centro de Apoio e Promoção da Agroecologia (Capa) e o Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA).

Esses diferentes atores, com distintos interesses políticos e estratégias diferenciadas de ação ditadas pela sua posição política na disputa em relação à apropriação e à distribuição dos ganhos advindos com a cultura do tabaco, têm participado ativamente do processo de organização espacial e de usos do território na região (DORNELLES; SILVEIRA, 2013).

As contradições existentes no território evidenciam a subordinação técnica e econômica dos pequenos produtores de tabaco à exploração do trabalho familiar pelo capital agroindustrial. “[...] as empresas multinacionais materializam uma dada organização espacial que lhes seja interessante [...] ao processo de reprodução do capital” (DORNELLES; SILVEIRA, 2013, p. 35).

A existência dessas empresas no Vale do Rio Pardo reflete, inclusive, no modo de vida urbano dos municípios, por exemplo, com a forte presença de estrangeiros, que residem na região em razão dos seus empregos nas multinacionais. Outro fator é o número de empregos urbanos, sejam diretos, indiretos, safristas ou permanentes. Estima-se que, além dos empregos diretos e das famílias rurais envolvidas na produção, 1,4 milhão de empregos indiretos são gerados pela cadeia produtiva do tabaco (ANUÁRIO..., 2018).

Para além das questões econômicas e empresariais é preciso compreender quem é o produtor de tabaco. Como dito, as plantações de fumo iniciaram como produções familiares e assim se mantêm. O tabaco é produzido pela agricultura familiar e, no sul do Brasil, em 99,2% dos casos em propriedades de até 50 hectares, posto que a maioria não possui mais de 10 hectares e 40 mil famílias nem possuem terras próprias, produzindo tabaco em trabalhos de parcerias (AFUBRA, 2017). Ainda com dados da Afubra, o tamanho médio das propriedades é de 15,2 hectares por família.

Apesar do grande número de empregos e pela lucratividade na produção, Dutra e Hilsinger (2013) chamam a atenção para alguns dos problemas ocasionados pela fumicultura, como os de ordem ambiental e de saúde do produtor. No que diz respeito ao meio ambiente, os autores destacam a poluição da água em razão do alto índice de agrotóxicos utilizados. Já com relação à saúde, destacam a intoxicação dos produtores pelo manuseio dos agrotóxicos e do contato direto com a planta, uma vez que a produção de tabaco é extremamente manual. Os autores mencionam, ainda, o trabalho infantil nas propriedades como uma atividade degradante.

É interessante observar a construção da territorialidade. Se, de um lado, se tem as lógicas territoriais promovidas pela indústria e todo o reflexo que isso gera no modo de viver dos indivíduos, de outro, a presença da indústria e, conseqüentemente, do capital estrangeiro, se dá em razão do que Dornelles e Silveira (2013) chamam de atributos territoriais, como as condições ambientais favoráveis ao cultivo do tabaco, o conhecimento dos agricultores e a elevada qualidade de produção *versus* o baixo custo da mão de obra familiar. As práticas territoriais interferem não apenas na economia e na articulação política dos municípios, mas nas relações culturais que se estabelecem, como o trabalho da imprensa, que reflete essas contradições.

AGÊNCIA PÚBLICA E GAZETA DO SUL: Dois Modelos de Jornalismo

Desde o seu aparecimento o jornal estava muito próximo ao desenvolvimento da economia de mercado, sendo um filho legítimo da Revolução Francesa (MARCONDES FILHO, 1989). Após estabelecer seu poder na sociedade, a imprensa se desenvolve lentamente dentro dos moldes capitalistas. Daí vem a competitividade entre a mídia na disputa de mercado, responsável pelo tipo de produção e conteúdo jornalístico que se tem hoje, ou seja, que prioriza o lucro em detrimento da informação de interesse público (MARCONDES FILHO, 2000), um modelo de jornalismo que, além de comercial, é o convencional, o hegemônico.

Diante dos interesses comerciais, os jornalistas ficam impedidos de exercer sua atividade como deveria ser. Marcondes Filho (1989) sintetiza essa relação:

O jornalismo, via de regra, atua junto com grandes forças econômicas e sociais: um conglomerado jornalístico raramente fala sozinho. Ele é ao mesmo tempo a voz de outros conglomerados econômicos ou grupos políticos que querem dar às suas opiniões subjetivas e particularistas o foro da objetividade (p. 11).

Esse formato de indústria da notícia, nesse modelo de concentração de veículos que irá se chamar aqui de comercial, se estabeleceu ao longo dos anos dentro de um processo histórico-cultural. O que não é noticiado por esses grupos não necessariamente se perde, mas certamente passa despercebido para boa parte das pessoas. Assim, é menos possível que um desses veículos hegemônicos de comunicação faça uma reportagem investigativa sobre empresas privadas, às vezes, inclusive, sobre o próprio poder público, e o assunto, que deveria ser de interesse da sociedade, fica longe dos holofotes da mídia.

Assim, o afastamento que ocorre entre o jornalismo e o debate público é causado, como se pode constatar, por uma pressão do mercado, algumas vezes inclusive global, responsável por transformar o interesse público em interesse comercial, aproximando o discurso jornalístico de um discurso publicitário (OLIVEIRA, 2009). O que se observa hoje, de acordo com Meyer (2007), é uma crise nos veículos de comunicação, o que também gera uma crise para a sociedade.

Observa-se, no entanto, em diferentes momentos da história recente, no final do século 20 e início deste século 21, iniciativas que buscam romper com esse tipo de fazer jornalismo. Esse modelo de jornalismo comercial deixa de responder às necessidades de determinados grupos na sociedade. Essas iniciativas mantêm algumas semelhanças com o jornalismo tradicional, mas trazem, também, suas diferenças, inclusive entre si. Para Gadini (2014), um jornalismo que tenha sua produção condicionada pela perspectiva do interesse coletivo, gera melhores condições para o exercício da cidadania.

O jornal *Gazeta do Sul*, um jornal regional do Vale do Rio Pardo, no Rio Grande do Sul, com sede em Santa Cruz do Sul, e, portanto, inserido no *território do tabaco*, é tratado aqui como do tipo comercial e hegemônico. Fundado em janeiro de 1945, trata-se do jornal diário de maior circulação na região onde atua, com uma tiragem aproximada de 12 mil exemplares, a maior parte dirigida a assinantes. O jornal tem uma versão digital, restrita a assinantes, embora boa parte das notícias estejam disponíveis em uma versão para o portal Gaz, do grupo Gazeta de Comunicação, ao qual o jornal pertence.

O surgimento do jornal nasce de uma inconformidade da população de Santa Cruz do Sul com a inexistência de um jornal no município, depois do fechamento do *Kolonie*, editado em alemão gótico e encerrado em 1941, decorrente das políticas nacionalistas do período.

Atualmente, o jornal pertence ao maior grupo de comunicação da região em que circula, por isso sua condição de hegemonia não apenas na circulação, mas no poder de construção da realidade que carrega, sendo uma mídia de referência na região. Chega a 14% dos imóveis do município, de acordo com informações do próprio *site*, o que está “bem acima da média do segmento no país (GAZETA DO SUL, 2019). O jornal circula, conforme dados da Associação dos Diários do Interior do RS – ADI –, em 30 municípios gaúchos. De acordo com Schuster (2011), a política editorial da *Gazeta do Sul* cria e mantém um discurso homogeneizador da cultura de Santa Cruz do Sul, e também de seus atores e episódios. Complementa-se a afirmação da autora a partir do perfil regional do jornal, que se trata de um discurso homogeneizador da região.

A *Agência Pública*, por sua vez, teve sua fundação em junho de 2011, e se enquadra no rol de iniciativas jornalísticas que se colocam como alternativas ao jornalismo comercial e hegemônico, que têm emergido na última década, especialmente, na maioria dos países latino-americanos. As jornalistas idealizadoras da agência, Natalia Viana, Marina Amaral e Tatiana Merlino,¹⁰ tiveram diferentes experiências em veículos de mídia, e posteriormente fizeram um movimento que tem sido observado na área, nos últimos anos, de profissionais que buscam um jornalismo sem fins lucrativos e/ou apartidário e empreendem novos projetos, editando publicações geralmente digitais, com linha editorial voltada a determinados setores, que vão do ambiental, político, econômico ou de direitos humanos. Os independentes, como se intitulam, buscam alternativas de financiamento à publicidade tradicional, geralmente com recursos de editais de fundações internacionais que financiam a imprensa “livre” ou na modalidade de *crowdfunding*, e sua organização tem sido como empresas, cooperativas ou organizações não governamentais.

Com sede em São Paulo, a Pública se coloca como pioneira no Brasil¹¹ enquanto uma agência de reportagens investigativas sem fins lucrativos (PÚBLICA, 2017). Em seu *site* apresenta-se da seguinte maneira: “A Pública distingue-se por aliar preocupação social com jornalismo independente e de credibilidade. Nossa missão é produzir jornalismo investigativo e fomentar o jornalismo independente na América Latina” (PÚBLICA, 2017). As investigações da Pública têm como foco a administração pública, os impactos sociais e ambientais das empresas – incluindo suas práticas de corrupção e transparência –, o Poder Judiciário e a violência contra vulneráveis na cidade e no campo.

A Pública, enquanto uma agência de reportagem, trabalha com um sistema de republicação. Além de o seu conteúdo estar disponível em seu próprio *site*, possui republicadores, que nada mais são do que outros meios que copiam suas reportagens e publicam nas páginas dos seus veículos. Para isso, existe uma série de critérios, entre eles de que o texto seja (re)publicado na íntegra, com a assinatura dos repórteres e da

¹⁰A jornalista Tatiana Merlino deixou a equipe da *Pública* ainda em 2011.

¹¹Identificou-se pelo menos duas iniciativas jornalísticas, anteriores a 2011, que também distribuem seu conteúdo de forma gratuita: a *Ecoagência* (2004) e a *Agência das Favelas* (2001).

Agência Pública. De acordo com informação disponibilizada no *site*, são cerca de 30 republicadores, entre eles portais brasileiros, como UOL e El País Brasil (PÚBLICA, 2017). Seu tráfego em novembro de 2019 foi de mais de 300 mil visitas, conforme consulta feita ao aplicativo *Similar Web*¹² para este artigo. A reportagem analisada aqui, segundo informações fornecidas em pesquisa anterior (OLIVEIRA, 2017), teve, no seu primeiro ano, 6 mil visualizações diretamente na página da Pública.

O DISCURSO SOBRE O TERRITÓRIO DO TABACO: Os Sentidos Construídos a Partir dos Textos Jornalísticos

O recorte deste artigo, para a identificação do discurso acerca do *território do tabaco*, bem como os sentidos construídos a partir de textos jornalísticos, se dá em uma reportagem investigativa da *Agência Pública*, denominada *Sob a fumaça, a dependência*, publicada em 26 de outubro de 2015, de um texto opinativo com traços de editorial intitulado *Bem-vindo, ministro*, e de uma reportagem, *A hora de o tabaco mostrar a sua força*, da edição de 20 de julho de 2015 do *Jornal Gazeta do Sul*. Destaca-se aqui que, com exceção do texto opinativo, as duas reportagens são assinadas por jornalistas. Opta-se, nessa análise, no entanto, por trabalhar com os textos sem levar em consideração quem os escreveu, e sim os veículos, diante de suas institucionalidades.

Cabe destacar que não se trata de uma análise comparativa, dada as diferenças de ambos os veículos enquanto instituições jornalísticas, assim como sua diferença em relação às pautas que costumam cobrir. Essa análise, em verdade, pretende justamente identificar e observar as diferenças entre os discursos de ambos os veículos, considerando suas peculiaridades e eixos de cobertura.

A análise toma como método a análise de discurso (AD) filiada à Escola Francesa, que tem como base a interdisciplinaridade e uma articulação entre a linguística, o marxismo e a psicanálise. A AD francesa caracteriza-se por entender que exista um assujeitamento do emissor de um discurso, que se expressaria por meio da incorporação de discursos sociais (MANHÃES, 2006). Os discursos sociais fazem circular as ideias presentes na sociedade; ideias que disputam lugar na representação do mundo; portanto os discursos são espaços de poder. Os discursos podem ser agrupados em *formações discursivas*, que

se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva (FOUCAULT, 2012, p. 47).

Neste artigo são identificadas as *formações discursivas* (FDs) nos textos. Elas permitem compreender como ocorre a produção dos sentidos e possibilita que o pesquisador estabeleça regularidades no funcionamento do discurso (ORLANDI, 2003, p. 43). “A formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada [...]

¹²Similar Web é um *site* que coleta e disponibiliza diversas modalidades de dados acerca de outros *sites* na internet, permitindo, por exemplo, que se compare a performance de audiência entre *sítios*. Com relação a esta pesquisa, observou-se, enquanto dados secundários, as informações disponibilizadas sobre a Agência Pública, em específico o tráfego de visitas durante o mês de novembro de 2019.

determina o que pode e deve ser dito”. Cada formação discursiva é composta por sequências discursivas (SDs) que dão sentido ao texto. A identificação das FDs se deu a partir de marcadores no texto acerca do *território do tabaco* e suas relações.

Revestido de credibilidade, o discurso jornalístico constitui-se a partir de um modo de produção próprio e comum entre os diferentes veículos, que se dá, principalmente, por meio de critérios de noticiabilidade. Felippi (2008) destaca, contudo, que há também um modo particular em que esse discurso se estabelece, qual seja, por meio da condição de produção de cada veículo: sua linha editorial, suas relações com anunciantes e até mesmo a composição da equipe jornalística. Esses aspectos, aliás, é que diferenciam, substancialmente, a agência pública e o Jornal Gazeta do Sul, como apresentado.

O Discurso da Agência Pública

A reportagem da Agência Pública, *Sob a fumaça, a dependência*,¹³ trata da produção de tabaco no sul do Brasil, e apresenta casos de municípios do Rio Grande do Sul e do Paraná especialmente no que diz respeito à saúde das famílias produtoras de fumo e de como se dá a relação dessas com as empresas que beneficiam a planta. O texto também apresenta casos de produtores que buscam fazer a troca do tabaco por outras culturas.

Identificaram-se, na reportagem, as formações discursivas, apresentadas na sequência, que foram numeradas e nomeadas indicando o seu sentido principal. No que diz respeito aos sentidos presentes na reportagem, foram dez as FDs, com inúmeras SDs em cada uma delas. Buscou-se observar FDs que apresentassem sentidos amplos, a fim de dar conta de todo o conteúdo da reportagem. Elas serão expostas a seguir, na ordem em que foram identificadas no texto e com o destaque de algumas SDs.

A primeira FD identificada é a *diversificação de cultura* (FD1). Enquadrou-se, aqui, discursos que, de maneira explícita, ou não, buscaram mostrar a possibilidade não apenas de trocar a cultura do tabaco por outra, mas também diversificar a cultura nas propriedades, como mostram algumas SDs a seguir. Utiliza-se o grifo em negrito para destacar as marcas que configuram a formação discursiva.

Hoje, as terras dos Richter **não têm um só pé de fumo. Os jovens produzem morango, hortaliças, temperos**¹⁴. Entregam em feiras e para iniciativas de compras públicas, como o Programa Nacional de Alimentação Escolar (Pnae). Na busca por diversificar receitas, também vendem a professores da Uergs¹⁵ (SD4).

Foram observadas dez sequências discursivas na FD1 que trataram sobre a diversificação de culturas no que se refere à relação de agricultores do Sul do Brasil com a produção de tabaco. A análise de discurso, quando se propõe identificar os sentidos do texto, pressupõe que as formações discursivas são decorrência de uma estrutura externa ao texto (BENETTI, 2007).

¹³Disponível em: <https://apublica.org/2015/10/sob-a-fumaca-a-dependencia/>

¹⁴Os negritos dos excertos dos textos jornalísticos analisados no artigo são das autoras.

¹⁵Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

A FD2 é sobre a *etnia germânica*, preponderante na região do Vale do Rio Pardo, onde parte da pauta foi apurada, e região que integra o *território do tabaco*, que está diretamente relacionada aos primórdios da produção de tabaco na região. Ainda que a FD2 tenha apresentado menos SDs perante as outras – apenas quatro –, ela é trazida para o contexto de análise dada sua importância em determinadas discussões feitas no texto.

A **ascendência é germânica**, algo que fica expresso no **sotaque**. Os antepassados chegaram ao Brasil durante o grande fluxo migratório no século 19, caso da maioria das pessoas que mora na região do Vale do Rio Pardo, no interior do Rio Grande do Sul, especialmente nos municípios de Santa Cruz do Sul e Venâncio Aires (SD1).

A *dependência produtiva* foi identificada como a FD3, com 11 SDs. Nessa formação discursiva foram observadas marcas relacionadas à produção de tabaco e, mais especificamente, a dificuldade que as famílias de agricultores possuem em abandonar essa cultura por inúmeros fatores. Conseqüentemente, evidencia a dependência econômica gerada pelo setor.

“Qual é a cultura que tem garantia de compra? É o fumo. Por mais que seja ruim a relação, o agricultor plantou, sabe que vai vender.” A fala de Paulo Perna resume o que pensam muitos agricultores, inclusive Lídia: **como escapar a essa cultura do fumo?** Quando se escapa, acaba-se expulso (SD6).

Outra FD, a quarta, também abarca a questão da dependência, mas, dessa vez, a *dependência cultural*. De acordo com o discurso da reportagem, além das questões econômicas e dos contratos com as indústrias do tabaco, que acabam aprisionando o agricultor, existe ainda a questão cultural na produção. Ou, em outras palavras, o fato de a produção de tabaco ser característica da região e estar nas famílias por muitas gerações. Identificaram-se nove SDs na FD4.

Talvez as propriedades antigas que guardam **lembranças dos avós e bisavós**, ou mesmo de **antepassados mais distantes** que **iniciaram as lavouras de tabaco** expliquem. Ali, o trabalho está **cravado em mentes e corpos como parte da genealogia**. Idosos, jovens e crianças. Mulheres e homens. A **herança** faz com que **gerações sigam a espalhar o monocultivo das folhas de fumo por quilômetros de solo** (SD3).

Uma das formações discursivas que teve mais seqüências foi a FD5 *suicídio*. Logo na apresentação da reportagem, Venâncio Aires, município do Vale do Rio Pardo, é apresentado como um dos líderes em suicídios no país. O assunto ganha, inclusive, um dos subtítulos da reportagem, o que denota a importância que a informação tem no texto. Foram identificadas 16 SDs, das quais algumas são destacadas a seguir.

“[...] Pensei várias vezes em **acabar com a minha vida**, mas continuo aqui pelas minhas filhas” (SD15).

O *trabalho infantil* também foi uma formação discursiva com bastante evidência na reportagem, sendo identificado com a FD6, com 15 SDs. A prática, apesar de ilegal hoje em dia, estava implícita nas falas dos entrevistados, fosse ao relembrar o passado dos adultos ou mesmo dos jovens.

Além disso, **9% dos filhos abaixo de 12 anos contribuem na lavoura**. Outros estudos da Unisc¹⁶ indicam que **as crianças sofrem mais que os adultos com os agrotóxicos** e citam déficit de crescimento e de cognição, além de desnutrição, como **consequências do trabalho infantil nas plantações de fumo** (SD14).

Uma das grandes motivações da reportagem, de acordo com Silva Neto (2015), era relacionada à *saúde* das pessoas que trabalham nas lavouras de fumo. Não casualmente, portanto, essa foi a FD7 encontrada, com dez SDs. A FD7 aparece na reportagem tanto associada a doenças causadas pela própria folha de tabaco quanto pelos agrotóxicos utilizados na plantação e, também, diretamente ligado ao suicídio, uma formação discursiva já abordada.

[...] Glacy é quem sente mais. E revela **os males que lhe atacam o corpo**. Ela não o faz, contudo, em tom de desabafo. Conta a situação quase como uma confissão de culpa. [...] **“Fico ruim se colher fumo molhado de sereno. Tenho ânsia de vômito, dor de cabeça, acabo de cama**. É a nicotina [liberada pela folha], acho, quando a folha do tabaco está verde” (SD8).

A reportagem da Pública reflete sobre a produção de tabaco pelo viés humano e, portanto, aborda o tema na perspectiva dessa preocupação com os sujeitos e suas condicionalidades. A FD8 constitui o principal aspecto do texto, *o desequilíbrio* entre produtores e indústrias, sendo observada em 22 SDs.

[...] Além de **acorrentados ao sistema integrado**, os pequenos agricultores são **reféns dos métodos das fumageiras no que se refere ao ritmo de mercado** e aos preços do fumo. E as empresas têm peso político (SD16).

É possível observar, pelos trechos destacados, que a abordagem do *desequilíbrio* feita pela reportagem não é apenas no sentido econômico, mas também humano e de trabalho. A reportagem evidencia um sentido de poder total por parte da indústria fumageira, que retém a maior parte dos lucros e que, para isso, também coloca o produtor de tabaco dentro de um sistema do qual é difícil sair, como os próprios relataram. Para isso, o texto apresenta dados das principais entidades do setor, bem como entrevistas com pesquisadores e juristas que auxiliam a construir o sentido de que o *território do tabaco* é uma região dependente da produção de fumo e, conseqüentemente, da sua indústria, bem como possui sérios problemas de saúde em decorrência desse sistema.

A reportagem apresenta, ainda, mais duas formações discursivas: a FD9, com três longas sequências discursivas, que mostra ao leitor como funciona o *processo de produção do tabaco*; e a FD10, com cinco Sds, que traz informações sobre os *contratos* firmados entre empresas e agricultor.

O trabalho é todo manual, delicado. Não há mecanização que possa assessorar o produtor. Geralmente **em maio, no caso gaúcho, inicia-se a feitura dos canteiros, o que dura até junho. De julho a setembro, milhares de mudas são plantadas**, uma a uma. Na sequência, vem o **ciclo de manutenção e a aplicação de agrotóxicos** [...]. (FD9 – SD2).

¹⁶Universidade de Santa Cruz do Sul.

É assim que se constrói a cadeia que coloca os pequenos produtores na condição de empregados na própria terra, num esquema imposto pelas empresas. Tal lógica persegue, realmente, a previsibilidade e a segurança, mas não para o trabalhador do campo. **As garantias são voltadas para o cumprimento dos contratos de exportação de fumo em folha com o mercado internacional. [...] O ritual de assinatura dos contratos se repete todos os anos [...] (FD10 – SD4).**

Identificar as formações discursivas na reportagem não diz apenas dos sentidos presentes nos textos e das informações que foram levadas ao leitor. As formações discursivas identificadas na reportagem investigativa da Pública, levam ao leitor um discurso que informa a dependência econômica e cultural do *território do tabaco* em relação à produção de fumo, e também o desequilíbrio de forças e de poder existente entre produtores e empresas beneficiadoras. Mesmo que em algum momento, como se mostrou nos trechos destacados, a reportagem apresente os números em relação às exportações e lucros gerados pela produção de tabaco, de uma maneira geral o que se observa é uma coerência no que diz respeito à sua política editorial.

O Discurso do Jornal Gazeta do Sul

Diferente da reportagem da *Agência Pública*, a pauta do *Jornal Gazeta do Sul* tinha como objetivo noticiar a visita do então ministro da agricultura, Blairo Maggi, à região do Vale do Rio Pardo (RS), e mostrar o que o ministro encontraria em termos de produção de tabaco e suas potencialidades.

Assim como feito com a reportagem da *Agência Pública*, identificou-se nos textos do *Jornal Gazeta do Sul* as formações discursivas e suas respectivas sequências discursivas, considerando os marcadores no texto acerca do *território do tabaco*. Por tratar-se de uma mesma pauta, as formações discursivas foram identificadas no conjunto dos dois textos, e não de forma individual. Selecionou-se o editorial *Bem-vindo, ministro*, publicado na sobrecapa do jornal, e também a reportagem especial *A hora de o tabaco mostrar sua força*, nas páginas 12 e 13.

Foram identificadas sete formações discursivas. A primeira delas, e com o maior número de sequências discursivas, dando o principal sentido ao discurso proferido pela *Gazeta do Sul*, é o da *Prosperidade econômica e produtiva* (FD1), com 13 sequências discursivas. Destaca-se as SDs a seguir.

[...] produto que **move a economia** e faz de Santa Cruz do Sul um dos municípios mais **pujantes** do Estado (SD1).

O tabaco é **um item importante do agronegócio nacional** e assim merece ser tratado. **Gera emprego, renda e riquezas para milhares de famílias no campo e na cidade** (SD3).

[...] **atividade pujante**, cujos efeitos, em todo o Sul do Brasil, se traduzem em **progresso** (SD6).

“Têm verdades que agora ele mesmo vai poder ver aqui, como **o que conseguimos produzir e a renda que arrecadamos** [...] (SD10).

Por ano, Klafke **planta cerca de 175 mil pés de tabaco em uma área de 11 hectares**. A estimativa de **renda bruta para esta safra é de R\$ 260,7 mil** (SD11).

Quando o discurso jornalístico da *Gazeta do Sul* menciona algum problema enfrentado no *território do tabaco*, ele refere-se ao *contrabando* de cigarros. A FD2, com duas SDs, dá conta disso, como no trecho seguinte.

Maggi [...] virá conhecer a realidade da fumicultura em um momento sensível para o setor, que vive a expectativa da COP7 e **vem sofrendo com a expansão do contrabando** [...] (SD2).

Um outro sentido dado ao *território do tabaco* pelo jornal foi o de *prosperidade social* (FD3), ainda que de maneira bastante sutil. Nas duas sequências discursivas encontradas sobre esse aspecto, no entanto, o social apareceu atrelado ao econômico, evidenciando, uma vez mais, o quanto a riqueza gerada pela produção de tabaco é um aspecto relevante nesse discurso.

Há mais de 70 anos contamos a expansão e consolidação dessa atividade e acompanhamos seus **inegáveis feitos e méritos sociais, culturais, ambientais e econômicos** (SD2).

A FD4, por sua vez, com duas sequências discursivas, evidencia a *globalização da produção* por meio de alguns marcadores. Cabe ressaltar que o Brasil é o maior exportador de tabaco do mundo e, em Santa Cruz do Sul, possui o maior complexo industrial de recebimento e processamento da folha de tabaco no Rio Grande do Sul, com empresas de capital internacional.

[...] maior polo produtivo e industrial do tabaco no **mundo** (SD1).

[...] a **exportação** do produto para mais de uma centena de países (SD2).

Dado o perfil de produção e beneficiamento do tabaco, é natural que se estabeleça uma relação comercial entre as empresas fumageiras e os pequenos produtores familiares. Nesse sentido, a FD5 traz duas sequências discursivas que tratam de uma *boa relação entre indústria e produtor*. A SD1 deixa isso bastante evidente.

Para saber administrar o negócio, Roselene e Sanges **realizaram cursos** de segurança, organização, limpeza e manuseio de agrotóxicos, **disponibilizados pela empresa** a qual fornecem o produto final, **a Souza Cruz** (SD2).

As etapas da produção do tabaco (FD6) apareceram em três sequências discursivas. Ainda que o discurso jornalístico não especifique o passo a passo do cultivo do fumo pelas famílias de agricultores no *território do tabaco*, observa-se um sentido de um trabalho que exige dedicação dos produtores.

Conforme o fumicultor, além de ouvir os produtores, o ministro aproveitará a oportunidade para conhecer **todos os processos que envolvem a produção do tabaco, desde** a variedade de sementes e quantidade de produtos químicos, **até** os canteiros, lavouras e estufas (SD3).

Por fim, a última formação discursiva identificada – a FD7 – é a de *diversificação da agricultura* em duas sequências discursivas. É interessante observar, no entanto, que as duas vezes em que esse tópico aparece no discurso jornalístico da *Gazeta do Sul*, carrega consigo um tom negativo, diferente daquele encontrado na mesma formação discursiva na reportagem da *Agência Pública*.

“Se **dependermos** do milho, em uma pequena propriedade, **teremos só 10% da renda que o tabaco nos dá**” (SD1).

A diversificação de culturas é apenas para consumo da família. “Plantamos de tudo. Aipim, feijão, batata-doce. Criamos vacas, porcos, galinhas, mas para subsistência. O único produto com fim comercial é o tabaco” (SD2).

A partir das sete formações discursivas identificadas no Jornal *Gazeta do Sul*, que oferecem um sentido para o *território do tabaco*, observa-se um discurso jornalístico que se preocupa com as questões econômicas, como fica evidente pelo expressivo número de sequências discursivas enfatizando a prosperidade econômica que a produção do tabaco gera em detrimento de outros aspectos que poderiam ser evidenciados. Por se tratar de um veículo que se constitui nos moldes de uma imprensa comercial e hegemônica e inserida no território do tabaco, trata-se, mais uma vez, de um discurso condizente com o tipo de instituição jornalística à qual o Jornal *Gazeta do Sul* se enquadra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo buscou analisar o discurso jornalístico acerca do *território do tabaco*, no Sul do Brasil, pela *Agência Pública* e pelo Jornal *Gazeta do Sul*, por meio da identificação dos sentidos nas formações discursivas encontradas na reportagem *Sob a fumaça a dependência*, publicado pela Pública, no texto opinativo *Bem-vindo, ministro*, e na reportagem *A hora de o tabaco mostrar a sua força*, do *Gazeta do Sul*. Os sentidos que emergiram dos textos mostraram duas diferentes construções discursivas sobre o território delimitado e explicitaram o embate no campo simbólico pela construção do território, lembrando Etges (2001), para quem o território se dá na materialidade de seu uso, que é resultado de sua história, composta, inclusive, pelas disputas políticas desenroladas ao longo do tempo.

Como exposto, os discursos de ambos veículos são condizentes com o tipo de jornalismo a que se propõem praticar, bem como com as características das instituições em que estão inseridos. Na reportagem da *Agência Pública* identificaram-se formações discursivas sobre a dependência que o produtor e o território possuem com a produção de fumo e a influência das relações trabalhistas estabelecidas entre produtor e indústrias de beneficiamento do fumo nesse território; relações essas que ganham um sentido de desigualdade e desequilíbrio. A Pública, talvez por estar fora do território, menos se afeta com os constrangimentos econômicos e políticos internos ao território, elaborando um discurso que tensiona a presença da cadeia agroindustrial do tabaco no território, pondo em discussão sua contribuição para um desenvolvimento territorial que considere outros aspectos além do econômico, como as condições de vida do grupo social da agricultura relacionadas à produção do fumo.

Já nos textos da *Gazeta do Sul* o discurso acerca do *território do tabaco* é outro. O sentido que ganha destaque é o da importância econômica da produção para aquele território, bem como a necessidade da manutenção da atividade fumicultora. Evidenciou-se, também, um discurso que valoriza a relação entre produtores e indústria, como um aspecto fundamental para essa manutenção. Por estar inserido no território e ter uma relação distinta da Pública inclusive com o setor do tabaco, apresenta visão diferenciada daquela exposta pela agência de notícias sobre a atividade da fumicultura,

oferecendo ao leitor sentidos associados à positividade da atividade no desenvolvimento da região, denotando uma certa compreensão sobre o crescimento do referido território.

Os discursos expõem as diferentes territorialidades e as distintas relações que os sujeitos mantêm com o território, que alicerçam sua construção. As relações com o vivido, explicitadas pelas duas abordagens de mídia, vêm dos discursos dos sujeitos e das forças sociais presentes no território e expostos nos textos analisados. O vivido tem muitas dimensões, como diz Raffestin (1993), que são captadas por essas mídias por meio de provocações distintas que fazem aos sujeitos dos territórios, gerando relações de alteridade e de pertencimento com sua própria realidade.

Como dito, o objetivo deste artigo não é estabelecer comparações, visto as diferenças existentes entre os veículos selecionados. É interessante observar, no entanto, que em dois discursos jornalísticos que, em tese, são comprometidos com o real, com a fidelidade aos fatos e com o bem informar seus leitores e traduzirem realidades, se tenha identificado sentidos tão distintos, para não dizer opostos, sobre um mesmo território que, em última análise, oferecem visões de mundo distintas.

A análise de discurso desconstrói a concepção do discurso jornalístico enquanto retrato fiel da realidade, uma vez que expõe as tendências editoriais e os compromettimentos dos veículos. Cabe reforçar as diferenças existentes entre ambas as mídias analisadas no que diz respeito aos seus vínculos com distintas forças sociais por meio de suas opções editoriais e, portanto, condições de produção, o que também se evidencia nos sentidos identificados nos textos. Essas considerações dão margem para questionar, inclusive, se é possível conceituar o jornalismo e sua prática de maneira generalizadora, quando se encontram tantas diferenças na prática das instituições midiáticas.

REFERÊNCIAS

- ADI. Associação dos Diários do Interior do Rio Grande do Sul. Associados: Gazeta, Santa Cruz do Sul. *ADI, on-line*. Disponível em: <https://adi-rs.org.br/associado/gazeta-santa-cruz-do-sul/>. Acesso em: 17 dez. 2019.
- AFUBRA. Associação de Fumicultores Brasileiros. 2017. Disponível em: afubra.com.br. Acesso em: 20 ago. 2017.
- AFUBRA. Associação de Fumicultores Brasileiros. 2015. Disponível em: afubra.com.br. Acesso em: 12 ago. 2016.
- ANUÁRIO BRASILEIRO DO TABACO 2018. Santa Cruz do Sul: *Editora Gazeta*, 2018. Disponível em: http://www.editoragazeta.com.br/sitewp/wp-content/uploads/2018/12/TABACO_2018.pdf. Acesso em: 17 dez. 2019.
- BENETTI, Márcia. Análise do discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos. In: LAGO, C.; BENETTI, M. (org.). *Metodologia de pesquisa em jornalismo*. Petrópolis; Vozes, 2007. p. 107-122.
- DORNELLES, Mizaél; SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da. A produção de tabaco no Sul do Brasil: um olhar geográfico sobre a sua dinâmica produtiva e organização territorial. In: SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da (org.). *Tabaco, sociedade e território: relações e contradições no Sul do Brasil*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2013.
- DUTRA, Éder J.; HILSINGER, Roni. A cadeia produtiva do tabaco na Região Sul do Brasil: aspectos quantitativos e qualitativos. *Geografia, Ensino e Pesquisa*, Santa Maria, v. 17, n. 3, p. 17-33, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/viewFile/12490/pdf>. Acesso em: 9 jan. 2018.
- ETGES, Virgínia Elisabeta. A região no contexto da globalização: o caso do Vale do Rio Pardo. In: VOGT, Olgário Paulo; SILVEIRA, Rogério Leandro L. *Vale do Rio Pardo: (re) conhecendo a região*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2001. p. 351-365.
- ETGES, Virgínia Elisabeta. Desenvolvimento Regional sustentável: o território como paradigma. *Redes*, Santa Cruz do Sul, v. 10, n. 3, p. 47-55, set./dez. 2005.

- FELIPPI, Ângela Cristina Trevisan. *Jornalismo e identidade cultural: construção da identidade gaúcha em Zero Hora*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2008. Disponível em: <http://www.unisc.br/portal/pt/editora/e-books/61/jornalismo-e-identidadecultural-construcaoda-identidade-gaucha-em-zero-hora.html>. Acesso em: 5 jun. 2015.
- FLORES, Murilo. *A identidade cultural do território como base de estratégias de desenvolvimento: uma visão do estado da arte*. 2006. Disponível em: http://indicadores.fecam.org.br/uploads/28/arquivos/4069_FLORES_M_Identidade_Territorial_como_Base_as_Estrategias_Developmento.pdf. Acesso em: 10 jan. 2018.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- GADINI, Sergio Luiz. Crise de modelos, adaptações tecnológicas e desafios do campo jornalístico. *Contemporânea*, Salvador, v. 12, n. 1, jan./abr. 2014. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/con-temporaneaposcom/article/view/9808>. Acesso em: 10 jun. 2016.
- GAZETA DO SUL. A hora de o tabaco mostrar sua força. *Gazeta do Sul*, Santa Cruz do Sul, ed. 151, 20 jul. 2016a.
- GAZETA DO SUL. Bem-vindo, ministro. *Gazeta do Sul*, Santa Cruz do Sul, ed. 151, 20 jul. 2016b.
- GAZETA DO SUL. Nós somos a Gazeta. *Gazeta do Sul, on-line*. Disponível em: http://www.gaz.com.br/conteudos/nos_somos_a_gazeta/. Acesso em: 17 dez. 2019.
- HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Cultura, Mídia e Educação – Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997.
- HOFF, Sandino. As relações sociais no cultivo do fumo. *Redes*, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 3, p. 31-50, 2014.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Pontes, 1993.
- MANHÃES, Eduardo. Análise do discurso. In: DUARTE Jorge; BARROS, Antonio (org.). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas, 2006. p. 305-315.
- MARCONDES FILHO, Ciro. *O capital da notícia: jornalismo como produção social da segunda natureza*. São Paulo: Ática, 1989.
- MARCONDES FILHO, Ciro. *Comunicação e jornalismo: a saga dos cães perdidos*. São Paulo: Kacker Editores, 2000.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.
- MEYER, Philip. *Os jornais podem desaparecer?: como salvar o jornalismo na era da informação*. São Paulo: Contexto, 2007.
- OLIVEIRA, Dennis de. *Jornalismo alternativo, o utopismo iconoclasta*. In: SBPJOR, ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM JORNALISMO; ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 7., São Paulo, 2009.
- OLIVEIRA, Vanessa Costa de. *Desenvolvimento e jornalismo: a estratégia produtiva da agência pública na perspectiva da informação como fator de expansão das liberdades*. 2017. 194 f. *Dissertação* (Mestrado) – Universidade de Santa Cruz do Sul, 2017.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2003.
- PECQUEUR, Bernard. O desenvolvimento territorial: uma nova abordagem dos processos de desenvolvimento para as economias do Sul. *Raízes*, Campina Grande, v. 24, n. 1-2, p. 10-22, jan./dez. 2005. Disponível em: http://www.ufcg.edu.br/~raizes/artigos/Artigo_53.pdf. Acesso em: 10 jan. 2018.
- PECQUEUR, B. A guinada territorial da economia global. *Política & Sociedade – Revista de Sociologia Política*, 8 (14), p. 79-105, 2009. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/viewArticle/11615>. Acesso em: 10 nov. 2019.
- PÚBLICA. *Quem somos*. (on-line). 2017. Disponível em: <http://PUBLICA.org/quem-somos/#quem-somos>. Acesso em: 10 nov. 2017.
- PÚBLICA. Sob a fumaça, a dependência. *Agência Pública*. 2015. Disponível em: <http://apublica.org/2015/10/sob-a-fumaca-a-dependencia/>. Acesso em: 26 out. 2015.
- RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993.
- SCHUSTER, Patrícia Regina. *Braços cruzados: o discurso do Jornal Gazeta do Sul sobre o movimento grevista da década de 1980*. 2011. *Dissertação* (Mestrado) – Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2011.
- SILVA NETO, Moriti. *A construção da pauta e o planejamento da apuração em campo para a reportagem Fumo, Fogo e Fumaça*. Entrevistadora: V. C. Oliveira, 2015. Arquivo de áudio digital (1h20min). Entrevista concedida à pesquisa A estratégia produtiva de uma agência de reportagens na perspectiva da informação como fator para o desenvolvimento.

SILVEIRA, R. L. L.; PETRY, H. A. Plano estratégico de desenvolvimento regional do Vale do Rio Pardo (2015-2030). Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2017. Disponível em: <https://governanca.rs.gov.br/upload/arquivos/201710/09144422-plano-valedorio.pdf>. Acesso em: 17 dez. 2019.

SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da (org.). *Tabaco, sociedade e território: relações e contradições no Sul do Brasil*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2013.

THEIS, Ivo Marcos. *Desenvolvimento e território: questões teóricas, evidências empíricas*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2008. V. 1.

VARGAS, Marco Antonio. Cultivo do tabaco, agricultura familiar e estratégias de diversificação no Brasil: uma análise comparativa em áreas de cultivo de tabaco no Vale do Rio Pardo. In: SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da (org.). *Tabaco, sociedade e território: relações e contradições no Sul do Brasil*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2013.

WILLIAMS, Raymond. Culture is ordinary. In: WILLIAMS, Raymond. *Resources of hope: Culture, Democracy, Socialism*. London: Verso, 1989. p. 3-14.